

Brasília homenageia seu construtor

Sheila D'Amorim

Amigos e parentes de Israel Pinheiro, ex-deputado federal e um dos fundadores de Brasília, participam hoje às 18h30, na Catedral, de uma missa em seu louvor. Fazem 20 anos que Pinheiro, mineiro de Caeté, morreu vítima de enfarte em Belo Horizonte. O arquiteto Oscar Niemeyer que, junto com ele e Lúcio Costa formou o trio construtor da nova capital brasileira, acha que a maior homenagem que se pode prestar a Israel Pinheiro é recordar sempre dele. Reclama, entretanto, que a cidade não tenha sequer um museu para lembrar sua arrojada construção. O projeto já está pronto e é do próprio arquiteto e amigo. "Só depende do governo", diz.

"Engenheiro da Utopia". Assim Israel Pinheiro é descrito pelos escritores e irmãos Kao e Sebastião Martins. "Personagem fundamental da construção de Brasília", para Niemeyer. "Um misto de competência, seriedade e dedicação ao trabalho", na opinião do jornalista Adirson Vasconcelos. Ou simplesmente "Capitão da Epopeia", como o chamava Juscelino Kubitschek.

"Brasília foi um dos grandes sonhos do meu pai que ele conseguiu realizar", conta Israel Pinheiro Filho. "Quando ele falava de Brasília era com tanto otimismo e entusiasmo que parecia que ele já tinha nascido com essa ideia", lembra. E realmente o velho Israel, se não foi o maior, está entre aqueles primeiros defensores da interiorização da capital.

A Luta — Durante os dez anos de mandato parlamentar — de 1946 a 1956 —, sempre que podia, principalmente em seus discursos, batia na tecla da mudança da capital. Na Assembleia Constituinte de 1946, chegou a sugerir que a nova capital se instalasse no Triângulo Mineiro, argumentando: "A capital da República no interior do País será um centro de estímulo e de influência e de amparo a todos os brasileiros do interior do Brasil". Ele costumava dizer, ainda, que era preciso desenvolver a "civilização mediterrânea para ir em socorro de milhões de brasileiros que não gozam das condições de conforto de uma civilização desenvolvida, como a do litoral".

Com a autorização do Congresso Nacional, em 1956, para a transferência da capital, Israel Pinheiro foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para presidir a Companhia Urbanizadora da nova capital do Brasil. "Israel praticou um ato raro na política brasileira", conta Adirson Vasconcelos. "Ele renunciou ao mandato de deputado federal e também à presidência da toda-poderosa Comissão de Finanças da Câmara para se dedicar à missão de construir Brasília", exalta.

Despedida — "Volto ao interior para procurar implantar bem no centro do País, e bem profundas, as raízes de uma nova civilização brasileira". Com estas palavras, ele se despediu da Câmara, aplaudido de pé pelos deputados presentes.

"Israel Pinheiro foi uma escolha muito feliz do Presidente", afirma Marco Pólo Rabelo, dono da Construtora Rabelo, uma das que participaram da construção. "Ele tinha pela frente uma tarefa muito difícil, qualquer deslize poderia ser encarado como favoritismo e comprometer seu próprio nome. Mas ele conseguiu sair ileso", conta.

Uma unanimidade entre aqueles que conheceram Israel Pinheiro é a personalidade. Segundo os amigos, a aparência "carrancuda" assustava mais, muitas vezes, até o ajudou a afastar os "interesseiros". Por trás da "casca grossa", estava um homem extremamente justo e generoso. "Qualquer problema levado a ele e bem argumentado era considerado", lembra Marco Pólo.

"Ele era uma pessoa fantástica e com uma seriedade rara no serviço público", diz Vera Brant, empresária e amiga de Israel. "Ele fazia uma ginástica e uma economia com o dinheiro público como se fosse dele". Para ela, uma das lembranças mais engraçadas foi quando ficaram prontos os anjos da Catedral. "Foi uma luta para ele pagar. Israel pechinhou o quanto pôde".

Essa característica também é lembrada por Lúcio Costa, que elaborou o plano urbanístico da capital. "Ele era engenheiro executor e cumpria muito bem sua parte". Ele conta que sempre tinha alguma coisa que Israel queria alterar nas obras porque considerava muito caro.

Outro pioneiro que elogia a atuação de Israel é o empresário Antônio Venâncio. "Aqui todo mundo dormia pouco, parecia tudo japonês. Era uma loucura. Israel era um homem muito trabalhador, mas apesar disto, era também acessível. Recebia quem quer que fosse e resolvia tudo, uma coisa rara hoje em dia".

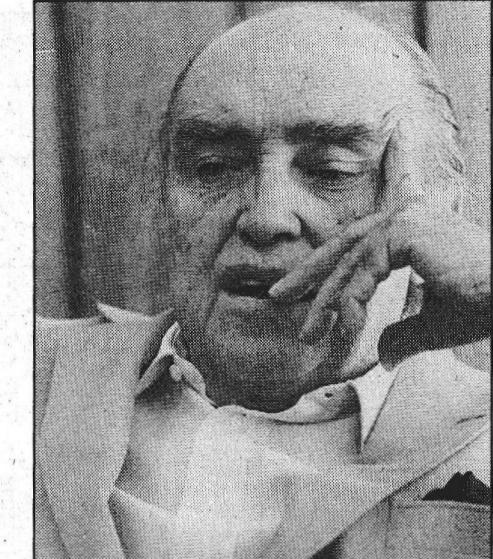
"Ele era inteligente e honesto o bastante para fazer o que quisesse, por isso tinha carta branca", relembrava o arquiteto Oscar Niemeyer. Para ele, Israel é digno de toda a homenagem que se pode prestar a alguém. Ele só lamenta que Brasília ainda não reconheceu isso.

ARQUIVO



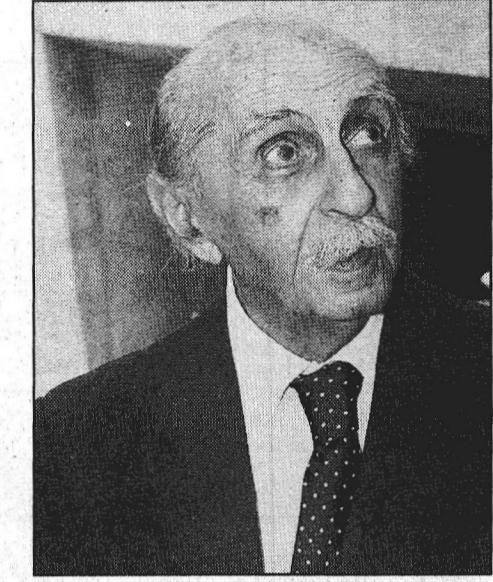
Para atender à incumbência de Juscelino Kubitschek, Israel tinha apenas um imenso cerrado para transformar na capital do País

ARQUIVO



Niemeyer: Israel é digno de homenagem

ARQUIVO



Lúcio Costa: homem de muita honestidade

Minas guarda marca do gênio

Minas Gerais — Há 20 anos, no dia 6 de julho, morria Israel Pinheiro, último governador mineiro eleito, antes do ato militar que extinguia as legendas e as eleições diretas para o governo dos estados. Reconhecido como um grande "tocador de obras", Israel Pinheiro, engenheiro civil, de minas e metalurgia, poderia ser lembrado como um representante do desenvolvimentismo brasileiro, fruto do racionalismo republicano, que buscou aliar o conhecimento à intervenção na realidade. O objetivo? Superar o atraso do País, queimando etapas, através de políticas públicas capazes de acelerar o desenvolvimento do capitalismo no País.

Foi o que fez Israel Pinheiro, em Minas Gerais, mesmo na fase em que governou o estado, entre 1966 e 1970, sob condições adversas de todo o tipo: a antipatia do sistema militar, a insegurança institucional com o fim dos partidos políticos tradicionais, a falta de recursos para os investimentos públicos e para o custeio da própria máquina administrativa.

Inspiração paterna — Quando for possível avaliar com isenção o governo de Israel Pinheiro talvez se consiga repensar a influência dos ideais de João Pinheiro, seu pai, como inspiradora de sua vida pública e de suas iniciativas à frente do Executivo mineiro.

Tratava-se de ideais progressistas, de cunho positivista, como assinalou Alfredo Bosi, no seu recente "Dialética da Colonização". O autor sublinha que "João Pinheiro, realizou em Minas uma

política de alternativa ao latifúndio agroexportador, promovendo a policultura, a divisão de terras para colonos e a indústria".

Consciência pública — Os ideais do pai faziam parte da tentativa de renovação política empreendida pelo mineiro Afonso Pena e malograda, também com sua morte, no exercício do mandato presidencial, em 1909. Mas que ressurgiram, vinte anos depois, na esteira do movimento conhecido como a Revolução de 30, desaguadouro das insatisfações de amplos setores nacionais.

Israel Pinheiro, que havia ingressado muito jovem, como vereador e prefeito de Caeté, na década de 20, já era, então, um político maduro. Com a vitória do movimento de 30, presidiu o Conselho Consultivo, sob o governo de Olegário Maciel até 1933 e, em seguida, integrou o secretariado de Benedito Valadares até 1942.

Política — Até o fim, a política foi o instrumento de que se valeu o governador eleito em 1965, para cumprir o mandato de cinco anos com realizações capazes de fazer progredir o estado.

Habil, foi vencendo, aos poucos, a hostilidade do governo central para com um dos políticos que não entrara, antes, em seus cálculos. O marechal Humberto Castelo Branco, primeiro, e, em seguida, o general Arthur da Costa e Silva, que inauguraram o ciclo militar, curvaram-se a essa habilidade, o que lhe garantiu os créditos necessários à implantação de seus projetos de governo.

ESTADO DE MINAS



Israel Pinheiro e o futuro presidente da República Itamar Franco, em 1968

Espírito público norteou ações

Antônio Carlos Drummond
Especial para o CORREIO

Não é fácil falar de Israel Pinheiro em poucas linhas, em pouco tempo. Sua vida e sua obra são das mais ricas de toda a história pública brasileira. Suas realizações não se esgotam no esforço épico da construção de Brasília. Minas Gerais, terra que ele representou e defendeu com amor, guarda as marcas do gênio pioneiro e criador de Israel Pinheiro. A bela estância hidromineral de Araxá, as primeiras rodoviárias do Brasil, as escolas de agricultura, os grandes projetos de aproveitamento do cerrado brasileiro, o planejamento que alavancou o soerguimento econômico de Minas, são realizações cuja paternidade o brasileiro pouco conhece, mas que os mineiros têm o dever de creditar a um dos seus maiores e mais brilhantes conterrâneos.

Ainda muito jovem, no início da minha vida profissional, tive a honra de colaborar com Israel Pinheiro, então governador de Minas. Foram cinco anos de rico aprendizado. Teste-

munhei ações e decisões de um verdadeiro homem público. Guardarei para sempre em minha memória os seus exemplos de coragem cívica e de dignidade profissional. E hoje, conviado para lembrar com saudades os vinte anos do seu desaparecimento, ocorre-me dizer que o Brasil de agora nunca esteve tão necessitado de reviver e estudar Israel Pinheiro, pelas suas contundentes lições de comportamento ético e de operosidade no exercício de cargos públicos.

Se pudesse valer-me deste momento para alertar as gerações de hoje e de amanhã, principalmente aquelas com vocação política, eu diria com muita convicção que atentem sempre para o encadreado espírito público que marcou indelevelmente as ações e o comportamento de Israel Pinheiro na sua rica e exemplar trajetória política. O espírito público de Israel Pinheiro foi concebido e trabalhado no céu, pelas mãos de Dom Bosco.

■ Antônio Carlos Drummond é jornalista e ex-assessor de imprensa de Israel Pinheiro